

VISÃO DO CORREIO

A inércia diante do colapso climático

O ano de 2025 entrou para a história com uma estatística alarmante: a temperatura global atingiu a marca de 1,43°C acima dos níveis pré-industriais, consolidando a assustadora sequência dos 11 anos mais quentes já registrados. O balanço, divulgado pela Organização Meteorológica Mundial (WMO) e endossado pelas Nações Unidas, não deixa margem para eufemismos: o planeta ultrapassou seus limites e encontra-se em estado de emergência máxima. No entanto, enquanto os cientistas empilham evidências irrefutáveis de um colapso em curso, os governos continuam a responder com uma inércia diplomática que já ultrapassou a fronteira da irresponsabilidade.

Os dados apresentados não são projeções teóricas para o próximo século, e, sim, a autópsia de uma tragédia presente. O desequilíbrio energético da Terra chegou a um nível crítico. Nossos oceanos, que absorvem 91% do excesso de calor gerado pelas emissões de carbono, atingiram as temperaturas mais altas desde o início das medições. O impacto dessa anomalia deixou de ser uma preocupação restrita a biólogos marinhos ou pesquisadores para se materializar no cotidiano das sociedades: secas implacáveis, cidades submersas por enchentes, quebras de safra e um custo econômico na casa dos bilhões. Pior ainda, a crise já ameaça a vida e a subsistência de mais de 1,2 bilhão de trabalhadores — um terço da força de trabalho global —, expostos a riscos severos sob o calor extremo.

Apesar da clareza absoluta desse cenário, a reação da comunidade internacional permanece presa a uma letargia burocrática injustificável. Há um descompasso fatal entre o ritmo acelerado da devastação climática e a lentidão deliberada das decisões políticas. As potências globais continuam tratando a dependência dos combustíveis fósseis como

um vício do qual pretendem se curar aos poucos, sem pressa, enquanto organizam cúpulas anuais que produzem discursos inflamados, mas pouquíssima ação vinculante. A transição energética, que já deveria estar operando em regime de economia de guerra, segue refém do lobby fóssil e da miopia dos ciclos eleitorais.

O custo desse vício não se mede apenas pelo aumento da temperatura, mas também com instabilidade geopolítica e violência. A dependência crônica dos combustíveis fósseis continua sendo o motor central de conflitos armados ao redor do mundo, como evidência a atual e perigosa escalada militar entre os Estados Unidos e o Irã, motivada, principalmente, pelo fluxo de petrodólares no Estreito de Ormuz. Ao insistir em preservar essa matriz energética a qualquer preço, o mundo não apenas acelera o próprio colapso ambiental, mas escolhe perpetuar a guerra como ferramenta de manutenção de um status quo insustentável.

A ciência vem fazendo sua parte. Ela entregou os diagnósticos precisos, mapeou os danos e indicou as soluções. Mas os alertas se empilham sem que nada de concreto seja realizado. A inação atual, portanto, não é fruto de ignorância técnica, mas de uma covardia política institucionalizada.

Chegamos a um limite. Assistimos, com gráficos atualizados em tempo real, à destruição das bases que sustentam a nossa própria existência, enquanto líderes globais hesitam em cortar o mal pela raiz. Diante da falência das promessas e do acúmulo de tragédias simultâneas, impõe-se a pergunta definitiva a quem detém o poder de decisão: se a perda de milhares de vidas, o caos econômico e a perspectiva de um planeta inabitável não são suficientes para provocar uma guinada radical, o que mais precisará acontecer para que a humanidade decida, de uma vez por todas, se salvar?



Oscar Schmidt
basquetebolista brasileiro
1958 - 2026

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Resoluções bancárias

Ao ler os comentários do deputado federal Mauro Benevides Filho sobre os roubos que estão ocorrendo nos impostos do cidadão brasileiro, quando a instituição financeira quebra, por falcatruas dos donos e administradores — vide Master, BRB e o Digimais do Edir Macedo —, entre outros, porque será que nossos políticos e administradores são contra as novas regras que estão sendo apresentadas como um projeto batizado de “resoluções bancárias”? Só porque o projeto, antes de penalizar os impostos do cidadão, ou seja, antes do roubo ser coberto pelo Tesouro Nacional, tiraria o patrimônio particular dos banqueiros e administradores? Seria a solução mais justa. E, a propósito, seria usado o mesmo tratamento que é dado ao bandido comum — traficante, ladrão de banco, estelionatário etc. quando o juiz determina o sequestro dos bens deles, e não o simples bloqueio que é feito ao bandido do colarinho branco, que continua a usufruir do fruto de seu roubo.

» **Joanir Serafim Weirich**
Brasília

Terras raras 1

Criar estatal para cuidar das terras raras é o maior erro. O Brasil continua preso ao modelo colonial de mineração, exportando potencial e importando tecnologia. Temos geologia privilegiada, reservas relevantes e ocorrência de rejeitos, mas seguimos sem dominar o que geralmente gera poder: processamento, separação, refino e industrialização. Enquanto isso, o mundo disputa terras raras como ativo de soberania energética, defesa e competitividade industrial. E nós seguimos discutindo burocracia, licenciamento confuso e insegurança regulatória.

» **Wilson Borges**
Brasília

Terras raras 2

A história nos ensina que as grandes potências priorizam estritamente seus interesses nacionais. Por isso, causa estranheza observar líderes brasileiros em gestos de submissão, como bater continência para bandeiras estrangeiras ou declarar lealdade a outras nações. O verdadeiro patriotismo exige que coloquemos o Brasil em primeiro lugar. Fomos historicamente explorados em nossas riquezas minerais do ouro ao diamante

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Chegando à quase sete décadas de vida, Brasília e o **Correio Braziliense** vão celebrar, neste 21 de abril, seu 66º aniversário. O dia é todo dela e dele. Parabéns! Viva!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Semana de festa em Brasília. E há motivos para comemorar? São semanas e mais semanas de escândalo e desrespeito com a história da nossa capital. Mas somos melhor que isso. Brasília resiste e vai sobreviver a seus algozes!

Paula Mendes — Asa Norte

Emergência sanitária em Goiás e morte por gripe K no DF. O que mais falta para as pessoas se vacinarem? Vacinas salvam vidas!

Marlon Barros — Cruzeiro

Voltar atrás com a taxa das blusinhas? Esse governo está sem direção, totalmente perdido!

Cleverson Cavalcante — Piauí

É muito fácil explicar a paixão pela NBA: aprendi a gostar de basquete vendo nossa lenda, Oscar Schmidt, o Mão Santa.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

e, agora, enfrentamos uma nova corrida pelos minerais críticos. A América Latina e a África não podem mais aceitar o destino de colônias extrativistas. Temos a oportunidade estratégica de processar essa riqueza aqui, gerando tecnologia e desenvolvimento. Após tantas lutas pela democracia, não podemos retroceder. O desenvolvimento nacional depende de nós, e não da caridade de potências que se julgam donas do mundo.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

Cuidado na cozinha

Extremamente importante e útil a matéria sobre os cuidados no preparo de alimentos, publicada na página de *Ciência do Correio Braziliense* (edição de 18 de abril). Deviam ser acrescentados dois meios de contaminação extremamente importantes: usar máscara que cubra a boca e o nariz durante o trabalho na cozinha, porque, ao falar e respirar, gotículas são lançadas sobre os materiais que estão sendo manipulados; e o emprego do uso de esponjas para limpeza somente uma vez, porque acumulam sujeira e contaminantes, que são transferidos para os utensílios nos quais forem utilizadas a seguir. Sem falar que, muitas vezes, pela falta de cuidado, as esponjas ficam dentro da pia, recebendo os detritos que estão sendo eliminados na lavagem de pratos e panelas. Na verdade, falar e respirar sobre alimentos e reusar esponjas de limpeza são dois procedimentos nojentos.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

China em expansão

Enquanto os EUA estão às voltas com suas atitudes ego-cêntricas, a China vem, devagar, devagarinho, expandindo suas fronteiras econômicas. Sem tiro, sem bomba, sem achar ninguém. No Brasil, investe prioritariamente no Nordeste. No Maranhão, a State Grid investiu mais de R\$ 18 bilhões. A BYD destinou R\$ 3 bilhões para uma fábrica na Bahia. Ainda na Bahia, os chineses vão erguer a maior ponte da América Latina, orçada em algo próximo de R\$ 11 bilhões. Na Paraíba, estão montando até um radiotelescópio para pesquisa espacial. E a Huawei está avançando pelo interior, expandindo a rede de fibra óptica. Desenvolvimento silencioso que gera emprego e impulsiona o futuro. O nosso e o deles.

» **Marcus Aurélio de Carvalho**
Santos (SP)



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

O "Se quiser vim vê" ficou insuportável

Sim, o mundo enfrenta diversas guerras neste exato momento. A emergência climática deixou de ser uma previsão para se tornar uma realidade de danos irremediáveis. Diante de um cenário global tão hostil, pode parecer fútil dedicar tempo para analisar uma trend de redes sociais, mas peço que não abandone esta leitura. É fundamental discutirmos como os vídeos do “Se quiser vim vê” tornaram-se onipresentes e, para muitos, insuportáveis — e como esse fenômeno é um sintoma social que merece atenção.

É improvável que você tenha passado ileso por essa brincadeira no feed, mas, por precaução, explico a mecânica. A premissa consiste em alguém apresentando um serviço, produto ou empresa com um desânimo quase existencial. O apresentador utiliza um tom de desdém absoluto pelo negócio, o que confere ao vídeo um caráter jocoso. O contraste entre a necessidade de vender e o desdém em convencer gera o humor.

Não é claro de onde o meme surgiu (ou quando), mas é inegável que ele ficou onipresente. O excesso, no entanto, transformou a piada em um ruído. A saturação é tamanha que o conteúdo beira o insuportável. Surge a necessidade de refletir: por que o “se quiser vim vê” se multiplicou de forma tão exponencial?

As explicações derivam de várias vertentes, mas há uma verdade inconveniente que resume o cenário: a criatividade humana parece estar sendo sistematicamente ceifada. Quando o ato de criar se torna um fardo, a saída mais imediata e segura é a cópia.

Nesse ecossistema, a lógica das redes sociais e da comunicação digital atua como

um catalisador potente. A ditadura do engajamento e a busca incessante por curtidas transformam tudo em objeto de cópia, mesmo quando o formato já exauriu seu potencial cômico. Replicar uma estrutura de vídeo que comprovadamente funciona não é apenas mais fácil; é uma estratégia de sobrevivência algorítmica. É o caminho do menor esforço em busca do maior lucro de atenção.

Esse raciocínio, contudo, não é uma novidade absoluta. Ele é o mesmo motor que impulsiona a onda interminável de remakes, reboots e sequências nos cinemas e no streaming. A diferença preocupante é que, nas redes sociais, esse comportamento deixou de ser uma estratégia comercial de grandes estúdios para se tornar um modus operandi coletivo e descentralizado. Não se trata mais de uma elite de produtores em Hollywood apostando no seguro para evitar prejuízos. Agora, é uma regra seguida por milhões de usuários e replicada em plataformas consumidas por outros bilhões. O medo de arriscar o novo tornou-se uma patologia digital.

Essa padronização do pensamento e da estética reflete uma sociedade exausta, que prefere o conforto do reconhecimento ao desafio da descoberta. Quando todos repetem a mesma frase, com a mesma entonação e a mesma edição, perdemos a capacidade de distinguir vozes individuais no meio do barulho. O meme, que deveria ser um elemento de conexão e subversão cultural, acaba por se tornar uma algema da expressão pessoal, limitando o horizonte criativo de quem produz e empobrecendo o repertório de quem consome.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br